VII ANNO — TERÇA-FEIRA, 15 D'OUTUBRO DE 1867 — N.º 697

O DISTRICTO DE AVEIRO

PREÇOS
ASSIGNATURA SEM ESTAMPILHA
Anno 3:200=Semestre 1:600=Trimestre 850 rs.
Cada numero avulso . . . . . 40 rs.

Publica-se regularmente ás terças e sextas-feiras de tarde.
Edição supplementar em dias indeterminados.
Subscreve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração — Rua Direita. — Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador, estampilhada. — Os escriptos enviados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos. — As assignaturas são pagas adiantadas.

PREÇOS
ASSIGNATURA COM ESTAMPILHA
Anno 3:800=Semestre 1:900=Trimestre 1:000
Annuncios e correspondencias, por linha 20 rs

Politica interna

BOLETIM

O *Diario* de hontem publíca um aviso, declarando que ámanhã haverá recepção no paço em grande gala, por motivo do anniversario do faustissimo nascimento de S. M. a Rainha.

Em poucos dias serão publicados os decretos reformadores da divisão administrativa, e judicial. Assim é mister que seja, porque o poder executivo não póde adiar a execução da lei, e menos dispensal-a.

Embaraços grandes teem surgido, complicações graves teem difficultado providencias que, se não vierem com celeridade, causarão sérios transtornos. Mas não censurâmos o governo pela demora, antes parece bom tino, attentamente meditar um trabalho tão importante, mesmo que se ultrapasse o tempo em que elle deveria estar concluido. Mal se póde comparar a sua prorogação, com os desacertos com que pódem sair tão transcendentes medidas.

Uma divisão deffeituosa, e viciada, talvez, pela protecção, e bom acolhimento a desarrazoadas pretensões, seria uma grande calamidade.

Todo o ponto está em que se aproveite o tempo que vai correndo, e que os decretos não ergam contra si justificados clamores. Não é cousa facil resolver por modo que todos fiquem satisfeitos, nem mesmo o governo póde deixar de vacilar sobre muitos capitulos da divisão. Interesses de localidades, que pretendem invadir preminencias estranhas. Ambições de particulares, que o governo com muita difficuldade saberá despresar.

Consultas desasisadas de juntas geraes, e outras corporações, opiniões apaixonadas de funccionarios, tudo isto deve ter, por suas contradicções e desconcertos, levado ao governo confusão tal, que só com muito estudo, e muita prudencia, elle poderá fazer um trabalho, que não seja impregnado de muitas imperfeições.

Tranquilisem-se por tanto os animos insoffridos, que, com quanto pareça ter havido morosidades, attentando-se bem nas difficuldades com que se tem de luctar, não ha por em quanto razão para censuras. Póde havel-a para muitas e grandes; e muito nos arrecemãos d'isso, se a obra sair tão mofina que as mereça.

Até então aguardemos, e não sejamos tão injustos que vociferemos contra quem por ventura, a bem do publico, está consumindo horas e dias de grandes luctas intelectuaes.

Um dos primeiros deveres do jornalismo é lembrar ao governo os deffeitos e vicios de sua administração, registando na memoria publica os deffeitos, e os excessos com que os homens, e as situações vão regendo o leme do estado. Correcções para o presente; licções para o futuro. Mas a imprensa desauctorisa-se, por que abusa, e se tranvia de sua missão, quando invertendo as regras da justiça, e da moral, censura sem fundamento, vitupera sem outra causa que não seja a de divergencias partidarias, e, o que ainda é peior, baixos egoismos, e ambições mal contidas.

Felizmente parece que o nosso jornalismo vae diminuindo um pouco a licença degradante a que chegou. Raro é já que se escreva a linguagem nauseante, e acrimoniosa, que ainda não ha muito pejava as suas columnas. Será isto indicio de progressos em moralidade? Terá começado a comprehender a imprensa, o que deve a si, e á patria? Talvez.

O theôr de vida era pessimo, para que podesse durar muito. Porém, se não errâmos, o governo actual tem concorrido muito para este começo de regeneração. A despeito dos muitos erros que tem, força é confessar, que os membros que o compõe, em probidade, em intelligencia, e mesmo em patriotismo, pertencem á *elite* dos nossos homens publicos.

Que crenças, ou que esperanças podem ahi haver em outros que os substituam? Assim deve pensar o maior numero dos desapaixonados.

D'aqui vem que os ambiciosos de poder, tem ficado em tão grande minoria. E' que, em regra, a mais temerosa opposição aos governos está nelles mesmos.

Por mau caminho vão aquelles estados, em que esta regra é substituida pelas excepções.

A vida municipal concentrou-se e extinguiu-se por tal fórma no concelho de Aveiro, que já quasi se não aprecia.

No biennio de 1860 e 1861, e no de 1862 e 1863 gastou-se em obras municipaes, segundo uma conta que ahi se publicou, quinze contos de réis, ou proximamente quatro contos de réis por anno. No biennio que vae correndo nem se sabe quanto a camara municipal gastou, nem se vê em que.

Nos primeiros biennios da actual vereação fizeram-se obras, que, pondo de parte a sua utilidade e maior ou menor necessidade, se vêem e podem julgar como elementos de despeza para o cofre municipal; actualmente não se dá outro tanto.

Ha dois annos que a camara d'Aveiro dorme o somno do esquecimento no tocante a melhoramentos do seu municipio, reduzindo-se a satisfazer as despezas obrigatorias sem sabermos como nem de que modo tem gasto os reditos que administra.

A receita tem-se conservado quasi egual desde que em 1859 foram creados varios impostos municipaes; a despeza obrigatoria tambem pouco tem augmentado desde então; as necessidades do municipio não se satisfizeram todas, sendo ainda avultada a sua lista — qual será então a causa do torpôr que tolheu a camara, que se nos inculcou como a vida personalisada? Não sabemos.

Debalde procuramos melhoramentos municipaes feitos durante estes ultimos dois annos no concelho de Aveiro. Na cidade começou-se ahi uma estrada, que logo se abandonou, e reedificou-se o matadouro que as chammas haviam devorado.

Nas freguezias ruraes fizeram-se pequenas obras, como o melhoramento de um edificio publico para uma escola e a construcção de alguns metros de estrada pelo systema e com o intuito, que por vezes temos feito conhecer aos nossos leitores.

Já se vê portanto que a camara municipal d'Aveiro deve ter sommas importantes no seu cofre, de que não tem disposto, não obstante a urgente necessidade que todos reconhecem em melhoramentos de primeira ordem.

Não é nosso intuito fazer aqui o programma dos melhoramentos municipaes de que carece o concelho, nem tão pouco classifical-os pela ordem da sua maior ou menor importancia; fallaremos comtudo de um, que mais que todos reclama os cuidados da presente vereação.

Ha cerca de dez annos que se esqueceram as calçadas da cidade, e este despreso e a má qualidade da pedra com que então foram feitas teem dado em resultado o estarem ellas em estado de incommodarem os pés menos sensiveis, e tornarem quasi impossivel o transito de carruagens.

As superficies das ruas d'Aveiro estão tão irregulares em consequencia de depressões que tem soffrido a calçada, que melhor se andaria por onde a mão do homem não prestou cuidados.

As calçadas como estão são um temivel embaraço aos que passam, ou seja pelo seu pé, ou transportados em vehiculos.

Este estado das calçadas deve de prompto ser removido. A estação invernosa approxima-se, e se antes se não prestarem cuidados ás ruas d'Aveiro, é certo que não poderemos sair de casa sem altos tamancos, que nos livrem os pés dos charcos que se hão de formar por ahi.

Precisam de reforma completa, e não de remendos mal sergidos, como em tempo por ahi se fez. Estes custam alguma cousa, e não remedeiam os inconvenientes das calçadas que nos trilham os pés, e desconjunctam os carros.

E' grande a extensão que reclama reforma, mas se a camara apesar de ter amontoados os capitaes, que durante dois annos deviam ser applicados aos melhoramentos municipaes não quizer ou não podér mandar reconstruir todas as calçadas, julgâmos melhor, que o que fizer o faça bom.

As calçadas que estão são feitas com calhaus redondos, que pela circumstancia de serem muito rolados, nem podem dar uma superficie egual e commoda para os pés, nem a calçada póde ser duravel, pois que facilmente se alteram as relações em que os mesmos calhaus são collocados, dando em resultado as desegualdades que nos incommodam.

Convem tambem que as calçadas da cidade sejam em alguns pontos substituidas pelo novo systema de macadame, para facilitar o transito a cavallo e em carro. Se este systema for bem executado, não ha de dar lugar aos inconvenientes que se lhe apontam.

Neste caso estão a costeira, desde os paços municipaes até á praça, e ainda a descida para a rua larga, ou para o largo da Apresentação, onde a passagem em carruagens é com as actuaes calçadas bastante difficil e até mesmo perigosa.

As calçadas a construir devem-o ser com calhau partido; só assim pódem ser duradouras e transitaveis.

E' de crer que a camara escute os nossos rogos. Fundados como são na necessidade imperiosa, e em occasião que os fundos municipaes esperam emprego, devem ser attendidos.

Assim o esperâmos. *Y.*

Sabemos que o sr. ministro do reino recebêra satisfatoriamente a consulta do sr. governador civil deste districto, tecendo os maiores elogios á sua bem elaborada disposição.

O sr Guerra Quaresma fez um trabalho consciencioso, e aprovado que seja pelo governo, este districto é devedor a s. ex.ª de valiosos serviços. A sua imparcialidade contraría muitas vontades oppostas; mas a rasão e a justiça podem mais do que ellas.

O sr. governador civil só «incommoda» os «cycophantas» para quem a honra, o talento e a circumspecção são predicados desconhecidos! Além d'esses tinhosos, todo o districto sabe, conhece e aprecia as suas raras qualidades, do que lhe tem dado irrefutaveis provas.

RECTIFICAÇÃO

O nosso collega da *Gazeta de Portugal*, de domingo, diz na revista dos jornaes, que nós elogiámos o sr. ministro das obras públicas.

Os nossos leitores não viram no primeiro artigo do nosso ultimo número elogio, antes estranheza por elle fazer promessas irrealisaveis.

Dê-se a Cesar o que lhe pertence!

Do nosso estimavel collega «Diario Popular» copiamos o seguinte artigo, o mais bem escripto que appareceu sobre o assumpto, e devido á penna do nosso primeiro estylista, cujo escripto pela elevação e originalidade dos pensamentos, belissimas imagens, e structura fluente e grandiloqua, tem merecido a attenção dos homens de lettras.

CAMÕES

Ha quasi tres seculos, um portuguez que resumia no seu engenho todas as faculdades da sua gente, no seu coração todos os sentimentos da sua terra, na sua dôr todas as agonias da sua patria, já debruçado sobre o tumulo, soltava, cysne moribundo, os accentos inspirados da sua voz para pagar ao *ninho seu paterno* o preito da sua gloria.

O sarcophago do cantor seguiu apenas com dois annos de intervallo ao sarcophago da patria; a jazida obscura da Encarnação aos areaes sangrentos de Alcacer-quibir.

No mesmo anno em que Filippe de Castella atava o nobre Portugal, o Prometheo da civilisação moderna, ao aspero penedo da sua tyrannia, soltava-se o poeta das cadeias da terra para voar á immortalidade.

A patria morrera. Morreu com ella o seu Homero e o seu Tyrteo. Mas, filho obsequente e extremoso, antes de fugir ás trevas da oppressão estranha, gravava o epinicio das glorias nacionaes e o magnifico epitaphio da sua gente.

Aquelle portuguez era Luiz de Camões. O poema os *Luziadas*. Quasi tres seculos depois erguia-se o poeta mais nacional dos nossos tempos. Assim como Camões desfirira os seus cantos, ao sinistro crepusculo da nossa independencia, o novo cantor temperava a lyra ao doce alvorecer da liberdade. Um escreveu o testamento da velha monarchia, quando ella com D. Sebastião, o illustre aventureiro da expirante cavallaria, bruxeleava os ultimos clarões da sua heroica magestade. O outro insculpia a inscripção triumphal de uma era nova, mesclando os hymnos da musa nacional, ao estrepito das armas vencedoras com D. Pedro IV, o generoso paladino da liberdade.

Garrett vinha atar o fio quebrado das tradicções heroicas de outras eras com os modernos destinos de Portugal. Porque a vida de uma nação é um poema unico cuja unidade não perturbam as vicissitudes, ora jubilosas ora sombrias do hymno e da elegia.

O poeta liberal para cantar as glorias portuguezas elegeu o nome que as cifrava. Celebrou Camões. E reprehendendo os seus contemporaneos por que não veneravam a augusta religião das suas memorias e o culto patriotico dos seus grandes cidadãos, perguntava n'um rasgo de nobre agastamento:

Onde está, portuguezes, o moimento
Que do immortal cantor as cinzas guarda?

A interrogação ficou sem resposta.

Folhetim

UMA, COMO HA ALGUMAS

Ao meu amigo, Manuel Baptista.

(Vem do número antecedente.)

V

Ha passado um dia. O joven corajoso jaz n'um leito — bastante doente. Lucinda não se affasta do seu lado.

Os facultativos promettem a cura do mancebo. São 3 horas da tarde, e o doente delirante diz assim: — «Que gente tão cruel!... Ninguem lhe queria acodir... queriam talvez que ella morresse, para eu não mais a vêr!... mas eu pude salval-a!... Deixeia-a na praia — e o doente estorcia-se, e fazia esforços por saltar do leito. — Quem sabe se ella morreria?... Lucinda, Lucinda, não me fujas! Olha: chego agora da minha terra... da nossa terra, para vêr-te, e uns malvados queriam matar-te, mas eu oppuz-me. Fujamos daqui!... Eu... o que queria era salvar-te, ainda com perda da minha vida! e, depois de salva, morro, e deixo-te para sempre! Ah! mas eu não morro ainda, não, Lucinda?... Eu... tu bem sabes que eu não queria morrer, porque te amo com a intensidade de todo o meu amôr!...

Hontem, á noite, vi te no meu jardim, e tu não me disseste nada.

Disse a minha irmã — que te chamasse — mas tu de repente desappareceste, e eu...»

Neste ponto, o joven calou se, e pouco depois caíu em modorra, a que se seguiu um somno placido, — por espaço de 2 horas.

Acordou em fim o doente, e Lucinda começou assim:

— Como estás?

— Estou quasi bom, e tu? estás mais reanimada?

— Eu ainda sinto o quer que seja, mas entendo que não é coisa de gravidade.

— E tua mãe aonde está?

— Está no nosso palheiro.

— Conheceste-me, depois de eu te arrancar á voragem do mar?

— Conheci; e logo me sobreveio uma vertigem, apenas te vi deitado sobre a areia. Julguei-te morto.

— Que importava que eu morresse, com tanto que te roubasse á morte?

— Antes eu queria ter a sepultura no meio do mar, do que ser causa da extemporanea perda da tua vida! — e a joven debulhava-se em lagrimas, que lhe sulcavam o rosto amarellido. —

Entrou a mãe de Lucinda, e a conversa mudou. E' certo que a joven amava o doente; e se assim não fôra, o salval-a elle era um motivo bem forte para ella lhe dedicar toda a sua affeição.

VI

E' preciso saber o seguinte. Apenas Lucinda partiu para banhos de mar, seu pae, que aventou a cadeia amorosa, que prendia os dois jovens, apressou-se a contractar o casamento d'ella com um filho de lavrador rico e abastado, d'uma freguezia visinha.

E' que Manuel Alves, pae d'ella, de nenhum modo queria — que sua filha fosse esposa de um casquilho (*como lhe chamava*) que não sabia *pegar em enchada, nem em arado*, e que além disto gastava quanto podia adquirir — em vestidos *aparaltados*; sapatos á moda; cazacos ora compridos ora curtos; chapeus altos ou baixos; e outras coisas.

Voltou pois Lucinda á sua terra natal; e, d'ahi a poucos dias, escreveram-se as escripturas esponsalicias d'ella com João Gomes, o noivo improvisado pelo pae de Lucinda, a qual chorou muito n'esse dia: e, apesar de dizer a Manuel Alves, — que que antes queria a morte, do que ser esposa de um homem, que seu coração reprovava e aborrecia — não foi attendida.

N'esse mesmo dia, ao pôr do sol, enviou ella occultamente uma carta ao joven, a quem devia a vida, concebida nestes termos: — «Meu caro L. Collocaram «entre nós uma barreira de ferro! Somos «desgraçados! Estão feitas as escriptu-«ras do meu cazamento com o João Go-«mes, esse farrapo balôfo, para que é «pouco todo o meu desprezo e odio. Den-«tro de poucos dias, sou esposa d'elle. «As minhas lagrimas e rogativas de mãos «levantadas, e de joelhos, não poderam «demover meu pae: somos por tanto in-«felizes! Adeus! não me esqueças! Meu «coração... minha alma... e minha vi-«da serão teus sempre. Vou pôr termo á «minha existencia, já que não posso fazer «parte da tua. Adeus, até ao ceu Tua L.»

Em quanto não chega a resposta desta carta, vamos ver o que se passa em casa de Manuel Alves, aonde Lucinda mandou chamar o sr. João Gomes Carrapato.

VII

No dia seguinte ao da remessa da carta antecedente, Lucinda, em quanto seu pae, mãe e irmãos trabalhavam no campo — chamou João Gomes, para uma sala mais recondita; e ahi, com as pupillas coriscando de raiva, começou assim:

— Tu és um mastim baboso, que folgas com propinar-me a maior das desgraças. Eu não quero ser tua esposa: se disse que *sim*, foi apenas para fazer a vontade de meu pae, cujo genio colerico e arrebatado bem conheço. Quero portanto que tu desfaças este casamento, e que communiques a tua ultima decisão — a meu pae. Aconselho-te esta evasiva decente, que deves levar a effeito, aliás conta comigo.

— Então porque me não quer *vocemecê?*

— Não te quero, nem te posso querer; e se me entalassem no dilemma de — ou ser tua esposa, ou ser assassinada — eu escolhia a ultima *ponta*. Não tenho obrigação de te dar a rasão das minhas acções. És um boçal! não te quero, e tenho dito.

— Pois sim, senhora: mas, como diz o dictado...

— Não me importo de dictados. Queres fazer o que eu disse?

— O que? assassinal-a? isso não.

— Ou te fazes parvo, ou o és effectivamente. Queres dizer a meu pae — que não queres casar comigo?

— Eu não sei!

— Ah! não sabes? Pois então eu vou a uma janella, e grito que me acudam — que tu me queres *matar* por eu não querer annuir ás tuas tenções torpes; volto e suicido-me; e depois tu és apontado, como meu assassino. É melhor assim?

— Não, senhora. Mas eu...

— Mas eu é que sou capaz de te fazer cahir a meus pés, desfeito em pó — obtemperou a joven furiosa, e ao mesmo tempo correu para elle, e arremessou-o contra a parede em que bateu com as costas. —

— Em seguida abriu uma grande navalha, que estava sobre uma meza; lançou o lenço da cabeça ao chão; soltou os cabellos; e correu para a janella, gritando desesperada — que lhe acudissem, por que o João Gomes, tentava abuzar d'ella e deshonestal-a. E, logo que viu que vinha gente, voltou para dentro; lançou mão á navalha, de porporções de cochila hespanhola; e exprobando ao pobre boçal — que antes queria matar-se, que ser sua esposa — desempenhou perfeitamente a scena tragica, que surtiu bom effeito, fingindo suicidar-se.

O parvo atarantado, vendo que Lucinda ia realisar o que dizia, lançou mão da navalha, que ella logo largou. Neste momento entram quatro pessoas, a quem ella logo se dirige, bradando: = que elle pretendia matal-a, e tanto assim, que ainda empunhava a faca. — E João Gomes estava a um recanto, qual estatua inerte.

(*Continúa.*) **J.**

A patria emmudeceu envergonhada. Herdara um divida sagrada que não podia já solver.

As cinzas de Camões? Sabe a Italia onde estão e onde repousam, honradas pela buril do esculptor, as cinzas do seu Dante, gloria e thesouro da Ravenna.

Mostra a Inglaterra aos seus e aos estranhos onde existem os monumentos de Milton e Shakespeare. Sabe a Allemanha onde repousa o pó inerte, o barro já desfeito, que foi lampada áquellas brilhantes chamadas Goethe, Schiller, Kant, Humboldt. Mas Portugal não sabe já onde é que dormem o derradeiro somno os filhos mimosos da sua gloria.

Onde está, portuguezes, o moimento?

Para cobrir cinzas não ha monumento erigido a Camões. Para tornar redivivo pela arte o vulto do poeta eis ahi que se descobre a sua estatua. Para ser a elegia da sua morte, não ha marmores em Portugal. Para erguer ás nuvens o hymno da sua eterna juventude e da sua immortalidade radiosa eis ali bronze, em que o estatuario soprou de novo a vida ao immortal.

Os poetas não teem cinzas. A cinza é para elles o residuo do que era apenas a ephemera vestidura do seu genio. Os poetas então nascem para a gloria, quando morrem para a peregrinação da terra. Morrer é a sua alvorada. Morrer esquecidos, ultrajados, crucificados pela ingratidão. Quando agonisam no grabato humilde, mal sabem os poderosos do mundo que n'aquelles transes dolorosos está desabrochando uma das mais formosas palmas da honra nacional; e que, emquanto aquellas almas que não cabem á larga em toda a amplidão da terra, se despojam da carne, estão accendendo o mais esplendido luzeiro da gloria commum. Emquanto vivos, são importunos, são ociosos, são poetas. Quando já as invejas não acham corpo onde morder, senão espirito e gloria com que cegar, então os bandidos de hontem são os benemeritos de hoje e os gigantes de amanhã. Oh! proceres, que negaes a piedade áquelles martyres do genio; oh! seculos, que passaes indifferentes ás angustias dos prophetas da lyra nacional; podeis emprestar a mortalha humilde a Luiz de Camões, podeis abrir-lhe por caridade o coval obscuro no adro da parochia; por que elle vos pagará com juros usureiros estes ultimos presentes da vossa liberdade. O sudario ser-vos-ha restituido purpura da vossa magestade intellectual; a jazida ser-vos-ha tornada thesouro da vossa gloria.

Quando vierem os dias da vossa provação, quando já não houver armadas a passearem triumphantes desde o Tejo até os ultimos cruzeiros do Oriente, a bandeira nacional; quando o filho de Carlos V pisar a primeira vez a terra ainda fresca, onde estremecem profanados pelo pé do invasor os ossos de Camões; quando a patria após sessenta annos de opprobrio e desespero tomar da esquecida panoplia d'Aljubarrota, as armas vingadoras para expulsar do seu torrão o estrangeiro; quando mais tarde o Attila moderno com a espada de Austerlitz e de Jena, ainda flammejante de victorias, apagar esta linha sagrada que se chama historia, que é por si uma divindade e uma religião; quando estranhos arrogantes nos perguntarem quaes são os nossos titulos na assembleia das nações; ireis, buscar em triumpho o vosso poeta. O proscripto de ha tres seculos será o maior luzimento da vossa gloria.

Esse será o escudo contra os desdens estranhos. Com esse podereis responder aos que vos taxem de amesquinhados no presente. Nesta orla estreita do oceano, direis vós, houve logar para os dois maiores brasões que podem illustrar um povo. D'aqui saiu a conquista do mundo. D'aqui se levantou o maior epico para a cantar.

Depois de illuminar a terra conhecida com a luz intensa do seu genio, Athenas poude morrer. Depois de amostrar a terra desconhecida com o facho do seu valor, Portugal, confiando ao seu Camões o thesouro da sua gloria, poderia ter cerrado com elle a historia nacional, sem aventurar neste lance as suas palmas immortaes.

Portugal tinha em aberto a divida ao cantor dos seus galhardos feitos e bizarrias! Não! Era a si mesmo que devia a reparação e o monumento.

O poeta não carecia de marmores nem de bronzes que perpetuassem o seu nome. Quando o genio se traslada nas folhas eternas do poema, quando o seu espirito anda transmigrando sem cessar, quando os seus raios illuminam todos os entendimentos, quando as creanças no berço ouvem, com os primeiros assomos da razão, as estancias truncadas do poeta; quando os seus versos se rememoram nas angustias da patria, se inscrevem nas suas bandeiras vencedoras, se recitam como estimulo nas suas entrepresas e em seus desbaratos conforto, quando o poema voltêa no ar que respiramos, como se fôra o ideal do amor patrio; quando o nome do vate immortal se germana e enlaça intimamente com o da terra natalicia; então podeis sem perigo e sem quebra da vossa gratidão deixar ermos de bronze os vossos terreiros, por que ha um incançavel estatuario, cujo escopro é invisivel, cuja pedra não tem corpo, cujas linhas são infinitas, cuja inspiração é inexhaurivel e immortal. E esse artifice divino está esculpindo ao mesmo tempo uma imagem para cada praça, um busto para cada lar, um medalhão para cada albergue, imaginario provida e generoso que doura com mão larga a estatua colossal do poeta predilecto para o opulento que póde pagar as obras de Canova e de Thorwaldsen, e para o pobre em cujas paredes nuas pende como socia e consoladora nas agruras da familia a imagem pobrissima do Christo. Esse esculptor insigne é o nome do poeta e o magico poder do seu poema.

Camões póde viver sem bronze no mundo dos espiritos, como seu ouro viveu no mundo das suas dôres. Erguendo o monumento a patria a si mesmo o sagrou, consubstanciando o seu com o nome do cantor. Os grandes genios não caem de facto sob a jurisdicção dos Polycletes e dos Phidias. Quando Miguel Angelo releva a estatua de Moisés, o marmore de Buonarotti é pallido e mesquinho ao pé do legislador hebreu desenhado em contornos ideaes e indecisos nas paginas do Pentateuco.

Uma estatua a Camões! Mas uma estatua é uma biographia, é uma historia, é um conjuncto de feições, um epilogo de feitos; é o infinito clausurado por um esforço impossivel nos limites apertados de uma imitação corporea. E' o espirito retomando as proporções da carne; é a inspiração immensa comprimida nos moldes plasticos; é o genio descendo novamente a homem!

Camões não tem outra historia senão o seu poema, outra physionomia senão as suas strophes, outro vulto senão este aspecto mysterioso e indefinido de que se vestem na phantasia popular os grandes nomes tornados mythos nacionaes.

Onde e quando nasceu Camões? Contendem os biographos por decidil-o. Quem foi a dama dos seus amorosos pensamentos? Litigam os commentadores por decifral-o. Quaes foram as acções principaes da sua vida? Esforçam-se os phiologos em esclarecel-o.

A aureola brilhante que desde o principio circumda a sua fronte, deixa na penumbra os traços e as datas da sua existencia material. Não ha documento da sua naturalidade, porque a Providencia apaga de proposito os registos humanos para que ninguem ouse dizer de um grande homem — *nasceu*, e pareça ser como um d'estes astros errantes e assombrosos que improvisamente começam de luzir, sem que ninguem visse no horisonte o rastro brilhante do seu nascer. Os seus amores? Quem os póde adivinhar? Póde alguem hoje assignar quem era a Beatriz do poeta florentino? Dizer ao certo que sorrisos ou que desdens puniram nos labios e nos gestos de Laura a paixão ideal do seu Petrarcha?

A vida d'um grande poeta é a d'uma victima enfeitada e coroada para o sacrificio. Vemol-a passar no prestito sagrado. Divisamol-a um instante junto da ara. Um lampejo do culto. Um menoio do sacrifice. O sangue da hostia jorrando na patena e purificando o templo; e eis ahi tudo acabado. A vida dos grandes poetas cifra-se em trez palavras — amou, padeceu, cantou. A mulher, a dôr, o poema. Terminada a scena, a mulher, a fórma concreta da inspiração desappareceu como uma visão que não é já dado restaurar. A dôr esqueceu. O poema ficou.

Desentranhem-se os eruditos em pesquisições e conjecturas. A memoria popular não póde com as datas e documentos. Basta-lhe aquella fatal e resumida biographia. Ao seu egoismo de gloria é bastante addir a preciosa herança dos cantos nacionaes. Que nos importa a nós se Homero honrou a Smyrna, a Salamina ou a Colophonia? se errava, pedinte pelas cidades gregas, comprando pela gloria patria immortalisada nos seus versos, o pão amargo do peregrino? Que importa se Camões nasceu em Lisboa, em Coimbra, em Santarem? se o desterraram amores, se invejas, se vindictas? Se padeceu affrontas e ultrages do governador Francisco Barreto? Se lustrou os mais remotos mares orientaes para expiar peccados ou para melhor acrisolar com o infortunio a joia do seu talento? Se deveu á propria culpa, se á ingratidão da patria, madrasta ou mãe desnaturada, o perpetuo supplicio do seu viver?

Se houvera sido feliz não tivera sido grande! Se a sua existencia fôra luz e triumpho ininterrupto, seria agora trevas e esquecimento.

Quereis por ventura um poeta, e poeta como Camões, homem regrado e composto pelos moldes austeros da vulgar mediania? Quereis-lo feitorisando na India em vez de pelejar, e mais sabido em tratos de chatim que em gentilezas de soldado? Quereireis-lo forrando pardaus em Goa para se remediar na patria em sendo velho? Quereireis-lo dissimulando na India cortezão os desmandos e corrupções dos que iam já fazendo do casco mealheiro, e da espada mercancia?

Quereries-lo medindo as distancias pelas convenções mundanas e pela vã affectação das mais fidalgas damas? Quereis um Camões volvendo á beira do seu berço, vergando não ao pezo dos louros, senão á carga de seus grangeios? Quereis um Camões revendo-se na sua estatua erecta em sua vida pelo enthusiasmo de seus concidadãos?

Oh! que se estes filhos mimosos da Providencia, estes primogenitos da gloria, não tivessem tambem o seu quinhão nas dôres da humanidade, como seria injusta e desigual a Providencia! São fadados para a immortalidade! Finjam ao menos que a compraram bem caro pela desventura e pela dôr! Soffram pacientes os desprezos do seu tempo, para que achem na posteridade veneração e quasi idolatria. A's mais viçosas palmas antecedem os lances do combate. A' resurreição precede a cruz!

O poeta não é um homem. E' o espirito de um povo e de uma época. Para soltar os seus cantos immorredouros encerra-se transitoriamente na reclusão d'um corpo, assim como o mavioso passarinho suspende um pouco o seu volitar nos ares, para pousar na vergontea delgada e quebradiça.

Uma nação heroica ultrapassára quanto a mais arrojada phantasia podéra devanear ácerca das emprezas havidas por impossiveis. Os seus galeões e as suas caravellas aventuram-se ás procellas temerosas do oceano. O fero Adamastor submette-se vencido ante as quilhas portuguezas. Hontem estavam as armadas lusitanas singrando em mares nunca d'antes navegados. Hoje lançam ferro nas paragens mais remotas do oriente. A'manhã são já hospedes suspeitos. No outro dia vencem. No seguinte avassallam e conquistam. Desde a Barbaria até o mar vermelho, Malaca a Ternate e os mares da China, o pendão de Portugal impõe pela victoria o imperio absoluto. Do sangue de um heroe nasce armado um novo conquistador. As victorias numeram-se pelos recontros; cada soldado aventureiro é um esforçado e venturoso capitão. A Europa contempla entre-absorta e invejosa os triumphos portuguezes. E' o fastigio das nossas glorias. Está gravada pelo navio e pela espada a epopêa viva dos feitos nacionaes. Mas os galeões desconjuntam-se com o tempo. Com o tempo emmudecem as bombardas, enferrujam-se as béstas e arcabuzes, e dormem a final as couras, os pavezes e as lanças sobre o sepulchro dos heroes. Vem já perto o dia da terrivel provação. Os soldados de Dio e Cochim, os que foram terror do Hidalcão e do malaio cerram as fileiras em volta do rei aventureiro para sepultar com honra nas plagas africanas a ja agonisante monarchia. Vão perder-se as memorias esculpidas nas prôas já inertes dos nossos galeões, nos muros das fortalezas da India, sagrados com o sangue portuguez. Vae enrolar-se em crepe o estandarte. Depressa. Cantemos as nossas façanhas memoraveis. Aproveitemos este respiro de liberdade. Eis um poeta! O espirito nacional, antes de se entenebrecer inteiramente, surge inspirado e formoso na tuba da epopêa. Portugal chama-se então Camões! O poema fixa n'um indelevel monumento as glorias nacionaes, já prestes a afundir-se na servidão. A historia de Portugal chama-se então *Lusiadas!*

A estatua de Camões é hoje como o symbolo da patria, da independencia, da liberdade nacional. Aquelle bronze está clamando a vozes que foi sempre a gente portugueza ardente no amor da sua honrada nacionalidade. Quando a fé esmoreça e affrouxe o patriotismo ponhamos os olhos na estatua do epico immortal. Ella nos será despertador de galhardias e lição de heroicidade. Naquelle admiravel livro que o poeta sagrou á gloria de Portugal, naquelle evangelho dos brios portuguezes, deixou o poeta entre mil exhortações e exemplos varonis, aquella strophe memoravel, credo eloquente de que é inviolavel, a preço do sangue portuguez, o solo sacratissimo da patria.

Como d'esta provincia, que princeza
Foi das gentes na guerra em toda a parte
Ha de sair quem negue ter defeza,
Quem negue a fé, o amor, o esforço e arte
De portuguez, e por nenhum respeito
O proprio reino queria vêr sujeito?

(LUS. IV — 15.)

O monumento que o mavioso cantor de «Adozinda, e D. Branca» pedia para as cinzas de Camões, eil-o ahi levantado não para honras funebres, senão para pompas triumphaes. Não é Portugal que resgata o esquecimento do seu poeta, por que nunca o deslembrou um só momento.

E' a nação que se corôa a si propria e celebra o fausto jubileu dos seus feitos immortaes.

J. M. LATINO COELHO.

Allocução dirigida a S. M. F. El-Rei pelo vice-presidente da commissão central dos subscriptores para o monumento erigido a Luiz de Camões, na solemnidade da inauguração, que teve logar no dia 9 de outubro corrente.

«SENHOR!

«A commissão central dos subscriptores para o monumento consagrado a Luiz de Camões, tem a ventura de se congratular com V. M. pela chegada deste dia suspicado ha seculos.

Para solver esta divida nacional, contribuiram não só portuguezes espalhados por todo o orbe e os poderes publicos deste reino, mas os estrangeiros admiradores do grande poeta, e principalmente o povo brasileiro e seu illustrado imperador, para os quaes tambem esta divida era de familia.

Desvelando-se por desempenhar com efficacia o encargo que lhe foi conferido pelos benemeritos subscriptores, a commissão central compraz-se de haver conseguido que só mãos portuguezas concorressem para o lavor do monumento erigido ao cantor das gloriosas navegações e descobrimentos que tanto nos affamaram.

Symbolo da nação, V. M não podia faltar a esta festa parental; acudiu a ella expontaneamente; e tendo por suas reaes mãos assentado a pedra fundamental deste monumento, agora com seu augusto pae vae descobrir o colosso. Dois soberanos corôam um soberano. E' o representante das modernas conquistas honrando o cantor das conquistae passadas.»

S. M El-Rei o senhor D. Luiz respondeu com o seguinte discurso:

«Honramos hoje a memoria de Luiz de Camões. Naquelle monumento ficará lembrado o reconhecimento da patria!

Ao inspirado cantor do maior commettimento que extremou a antiga da nova sociedade, a abertura do oceano e a descoberta do novo mundo, era devido este tributo prestado pela nação a quem a principal gloria, daquelles factos pertence.

Venho eu prestal-o em seu nome, com emoção e com orgulho.

E' grandioso depois de decorridos quasi tres seculos, ver neste momento um povo dominado todo pelo imperio da admiração e do enthusiasmo.

Se os governos de sabedoria, aproveitando as condições do seu tempo, souberam preparar para Portugal dias de immortal gloria, Luiz de Camões cantando essas glorias, conquistou para as lettras patrias reputação egual aos feitos que celebrou.

Para louvar Luiz de Camões basta escutar a fama; é a voz do seculo que inspira o seu elogio. Esse monumento consagraram-lh'o já os nossos maiores, porque nunca o povo esquece os nomes dos seus homens illustres.

Se a patria por um momento pareceu olvidal-o, pranteava ella então desolada as desgraças que a opprimiam!

O nome do grande poeta, inscripto no elevado pedestal da fama ao lado dos primeiros poetas do mundo, descança seguro de que nunca será esquecido. A opinião creou-lhe um desses nomes soberanos, cujo imperio não perece, como perecem os imperios que só a força sustenta.

O tumulo consente bem hoje o elogio, correndo o vêo que encobre as glorias dos que já não vivem, não se offende a modestia da immortalidade.

Os grandes espiritos são a sós sufficientes a si mesmo. É por isso que, levantando no bronze um monumento a Luiz de Camões, não elevamos mais o seu nome, vinculamos-lhe sim o reconhecimento e a admiração da patria.»

Anadia e Mealhada.

Sr. redactor.

Anadia, 10 de outubro de 1867.

Na resposta dada pelo sr. Caneva ao sr. Alexandre de Seabra e que vem publicada no seu n.º 694, diz-se que este senhor paga 520 rs. de contribuição pessoal, a qual em outra publicação de egual genero parece confundir-se com a contrição industrial. Similhante insinuação se faz ao sr. Agostinho Cancella.

E' realmente bem ridiculo, que quando se discutem as conveniencias dos povos com relação á divisão de territorio, se tragam para ahi factos inteiramente alheios a essa disputa.

Tem aquelles cavalheiros bastante nobreza de caracter para lançarem ao despreso taes insinuações; mas não o deve eu fazer, porque sou escrivão de fazenda do concelho, e estou por isso em circumstancias de dizer o que ha aqui de verdade. A insinuação tambem me fere.

O sr. Seabra é o segundo contribuinte do concelho, e o sr. Cancella occupa o logar que lhe corresponde conforme a sua fortuna. Pagam o que devem pagar em conformidade das leis vigentes e em harmonia com as declarações que servem de base ao lançamento das contribuições.

Nunca reclamaram por causa do lançamento. Se não pagam mais, a culpa não é delles. Escusado era dizer que é mentira que paguem o que o sr. Caneva diz — os seus informadores são pouco seguros. Quando requerer certidão saberá a verdade.

Neste concelho as pessoas principaes delle não costumam incommodar os empregados por causa dos seus interesses particulares. Acceitam de bom grado as suas apreciações, e em materia de tributos são tão pontuaes, que mesmo do anno de 1866 ninguem deve 5 réis.

Permitta o sr. Caneva, que lhe recorde, que não é assim que elle procede. Quando fazia estas desleaes insinuações tinha por pagar as suas contribuições desde o anno de 1861 inclusivamente. Era bem melhor que pagasse o que devia, do que escrever falsidades.

De v. etc.

Manuel José d'Oliveira.

Sr. redactor.

Concelho d'Estarreja, 10 de outubro de 1867

No dia 3 do corrente teve logar nos paços deste concelho a primeira conferencia dos professores primarios, inaugurada ahi em 29 de agosto preterito pelo digno inspector das escolas do 3.º circulo deste districto.

Causa sem duvida bastante estranhesa que só ainda agora houvesse a lembrança de adoptar entre nós uma ideia de tão reconhecido alcance e vantagem. E' esta uma prova das não menos equivocas, que temos, para se poder formar juiso desassombradamente do muito que tem prendido as attenções dos nossos governos a causa da instrucção popular.

E' realmente para estranhar que os poderes publicos, que se tem succedido nesta terra, tão solicitos sempre em fazer importação, e muitas vezes mal a proposito, de todas as ideias de origem estranha — tão promptos em adoptar todas as medidas, boas ou más, que mais voga tem tido em outras nações mais cultas e adiantadas, ás quaes tanto diligenceiam imitar, é para admirar, repetimos, que só agora tivessem a lembrança de pôr em pratica entre nós a idêa das conferencias dos professores, quando em outras partes já de ha muito se acham ellas estabelecidas, e com reconhecido proveito para a instrucção, por que são indubitavelmente um dos meios mais proprios e efficases para que os professores aperfeiçoem os seus conhecimentos, e se habilitem a transmittil-os convenientemente aos seus alumnos. Na França se acham organisadas e estabelecidas vae já para trinta annos.

Devem a sua origem ao celebre professor de historia da faculdade de letras de Pariz, Mr. Quezot, que foi por esses tempos, se a memoria nos é fiel, ministro da instrucção publica ali.

Com quanto ainda só agora tenhamos a satisfação de ver pôr em pratica entre nós uma medida de tanta utilidade para a instrucção elementar, não deixamos com tudo de saudar gostosamente o seu apparecimento, por que o consideramos como a aurora percursora de um dia mais bonançoso e sereno para a infeliz classe do professorado primario. Oxalá porém que nos não vejamos mais uma vez abraços com magas e tristes illusões! Estamos tanto nesse habito que já não estranhamos muito dado que esse caso ainda outra vez se repetisse.

O systema das conferencias entre os professores é, como queriamos dizer, de uma utilidade muito reconhecida para a maior propagação dos conhecimentos. Nestas reuniões, quando convenientemente dirigidas e regularmente executadas, podem augmentar-se muito esses conhecimentos; por que ahi se refundem, por assim dizer, e se juntam os de todos aos de cada um dos professores; ninguem duvida de que os esforços, quando isolados, mui pouco resultado podem dar, ao passo que se tornam grandemente efficazes pelo auxilio mutuo de todos. E' sempre por meio da discussão verbal que as nossas ideias se fixam, elucidam, e se tornam muito mais claras, precisas e completas. A leitura, não ha duvida, póde tambem até certo ponto suppril-a, mas nunca a chegará a substituir perfeitamente. Nós, em regra, comprehendemos com mas facilidade o que ouvimos dizer em voz clara, e o que nos vemos obrigados a sustentar ante os outros. Isto é que não póde admittir duvida alguma.

Agora uma outra cousa, para que as conferencias não deixarão de concorrer tambem bastante, é para que haja entre os professores mais relações e intimidade, e, por consequencia, mais união moral e prestigio, de que tanto necessitam para fazer face á opinião publica, que (ainda mal) ajudada até por um ou outro membro da mesma classe não se tem manifestado, ha tempos a esta parte, muito favoravelmente para com alguns d'elles relativamente ao modo como cumprem os deveres do seu espinhoso encargo. Tem-se-nos posto em pés de verdade cousas de surprender neste ponto; nós porém estamos muito longe, por em quanto, de lhes prestar inteiro credito, por que tivemos a felecidade, cremos nós, de lhes descobrir a verdadeira origem.

Sem duvida, as escolas primarias não são hoje, e cremos que o não seriam nunca, frequentadas por grande numero de abalisadas inteligencias. Dá-se aqui o mesmo phenomeno, que vemos succeder quotidianamente em todas as outras aulas de instrucção secundaria e superior: a maioria dos que as frequentam, quando se não componha de inteligencias meramente miscrocopias, consta comtudo de talentos muito ordinarios, e ainda menos que isso. Ora, como os paes dos alumnos, illudidos certamente pelo affecto natural, não se podem familiarisar com a penosa ideia de que os seus filhos são simplesmente um

automato ou taboa rasa de Locke, segue-se, como consequencia *muito logica*, que toda a culpa não é senão do professor, que não cura convenientemente dos seus deveres!! Nós porém diriamos—que seria muito bem cabido que o governo tivesse a providencia de enviar aos professores, de envolta com o diploma, a misteriosa vara, com que Moizes no deserto extrahia mananciaes do pinhasco tosco e rude! isso sim. D'esse gesto não haveria decididamente um só professor, que não fosse uma maravilha de zelo e dedicação!

Pragnentos ha tambem, a quem temos ouvido fazer a grave accusação — de que os professores não cumprem os seus deveres por que lhes faltam os conhecimentos indispensaveis para isso!

Não fariamos cargo de pulverisar esta humilhante accusação se não fosse termol-a visto fazer por individuos, que por sua competencia até certo ponto, e mesmo por seu caracter e posição official lhe dão uns taes ou quaes visos de veracidade.

Mas como é possivel, perguntamos nós, que os professores não tenham as habilitações necessarias para o bom desempenho dos deveres de seu cargo, se os exames são feitos hoje com um extremo rigor, que não podem vencer se não individuos de reconhecida e experimentada aptidão? Como póde dar-se este caso se o governo é escrupuloso no provimento das cadeiras aponto de não fazer a nomeação se não depois que póde colher as mais excellentes provas literarias sobre os diversos ramos do ensino?

Nada: não é possivel. Se ha professores, que não são exactos no cumprimento dos seus deveres, o que não duvidamos conceder hypoteticamente, não é, de certo, por lhes fallecerem as competentes habilitações; entendemos que é pelo contrario. E por terem mais que as sufficientes. E não se tenha em conta de paralogismo esta nossa asserção, por que a experiencia de todos os dias está nos mostrando continuamente a verdade do que levamos dito.

E' indubitavel que o individuo, que alcançar a nomeação para um emprego qualquer, que julgar um pouco superior ao que podia esperar em rasão das suas habilitações, ha de fazer sempre melhor serviço, e esforçar-se por cumprir com as obrigações de seu cargo, porque se julga honrado com essa nomeação, e entende que já ligam mais importancia aos seus merecimentos em rasão de o julgar no caso de lhe poderem confiar negocio de tal magnitude.

Um empregado d'estes ha de fazer melhor logar, porque trabalha sempre com satisfação e enthusiasmo, o que não acontêce ao que estiver no caso contrario. Este, em vez de considerar a sua nomeação como posição honrosa, ha de constantemente olhal-a como pungente lembrança da pouca conta em que é tido e avaliado o seu merito, que julga sempre sobranceiro e superior a essa collocação — a qual se acceitou, foi talvez porque a isso se viu obrigado pelas necessidades de momento.

Ha de portanto fazer sempre o serviço desgostosamente, e mal todas as vezes que para isso se offerecer ensejo conveniente; e ainda mais se por esse serviço não receber uma condigna retribuição. — Isto parece-nos intuitivo.

Portanto, se os poderes publicos tem tanto a peito, como parece e é de rasão que tenham, introduzir toda a especie de melhoramentos neste tão importante ramo de serviço publico, principiem por elevar a posição dos professores primarios áquella altura que lhes compete como instituidores da puericia.

Dêem-lhes a consideração, que deve andar ligada a homens, a quem a sociedade confia tão sagrados deveres, e de quem póde esperar a sua completa regeneração.

Colloquem-os ao abrigo da miseria e do ridiculo, que é a mais lastimosa de todas as miserias.

Pois não entendem que é altamente vergonhoso vêr um professor primario posto ao nivel na escala dos vencimentos com qualquer porteiro, ou contínuo de secretaria?

Hoje, que a todos os empregados tem sido augmentados, e com rasão, os respectivos ordenados, porque as circumstancias dos tempos tem creado novas necessidades, a que é forçoso attender, mas que os nossos antigos não conheceram pela rasão mui simples de serem muito outras as circumstacias d'esses tempos, em que viveram; muito menos exigente o seu estado de civilisação— hoje, que o valor relativo do numerario tem descido bastante; visto que já não podemos presentemente com uma quantia qualquer satisfazer a mesma somma de precisões, a que outr'ora se podia acudir facilmente com pouco mais de metade — hoje sim, que todas estas verdades são tidas em conta de axiomas, tem ainda os poderes publicos consentido que o profesorado primario tenha os mesmos vencimentos, que recebia nos tempos *anteriores á dominação do Marquez de Pombal*!

E então (o que é muito para se ver e admirar) é absolutamente indispensavel que os professores sejam um prodigio mesmo de zelo e saber.

E' necessario que sejam da propria edição dos Castilhos ou Degerandos. Com menos que isto é que não ha lá contentarem-se os nossos governantes! Baldado empenho porém. Esforços sem duvida inuteis, por que significam o mesmo que querer o fim sem pôr os meios, ou que haja effeito sem causa.

Sejam por tanto coherentes os nossos governos por que se é uma necessidade que o sejam em tudo, mais o é ainda em cousas desta importancia. Se pretendem seriamente que o ensino primario attinja nos seus variados ramos aquelle grau de perfeição, que lhe marca o estado actual da nossa sociedade, retribuam condignamente os professores—doteem a escola com a mobilia e utensilios indispensaveis para o bom desempenho do serviço—façam que a frequencia dos alumnos se torne regular, quando não obrigatoria, e estabeleçam as inspecções.

Fazer o contrario disto para se obterem os bons resultados, que, parece, tanto se desejam, será muito embora zelo pela causa da instrucção; será tudo quanto quizerem, mas para nós não passa de um ente de razão, ou de uma theoria tão realisavel como a quadratura do circulo. É esta a nossa convicção.

Póde muito bem ser que tudo isto não passe de uma preocupação nossa, mas nós como somos accusados de tantas não nos envergonhamos de ter mais esta.

Um professor primario.

Sr. redactor

Alhandra, 12 d'outubro de 1867.

Só hoje, como v. sabe, é que nos veio á mão o n.º 689 do seu jornal, onde vem uma correspondencia do sr. administrador de Cambra, na qual toma por pretexto de não ter respondido á accusação que lhe fizemos, o não termos assignado as nossas correspondencias. E' fragil o escudo com que se acoberta, e futil um tal pretexto, depois de ter dito que nos conhecia. A' vista de tal declaração cumpria-nos guardar o anonymo, para não offendermos a atilada perspicacia e alto saber do grande administrador!! Mas como s. s.ª conhece e não conhece, aqui nos assignamos, e declaramos que somos o auctor de todas as correspondencias dirigidas ao sr. administrador de Cambra, relativamente á falta da execução da lei do recrutamento no anno de 1863, com relação aos mancebos da freguezia de Arôos.

Não julgue tambem que tememos altivez e orgulho incivil, com que s. s.ª se apresenta na imprensa; os seus ares de *capitão-mór* póde guardal-os para essa pobre gente. Não ameace, nem injurie, sr. administrador. Entre na discussão com aquella tranquillidade que requer uma questão séria, e não injuriando o seu adversario. Se julga que se justifica assim, engana-se, porque a questão fica de pé, e s. s.ª depõe pouco a favor dos conhecimentos que deve ter.

A sua correspondencia vem repassada do fel que muitas vezes destyla d'uma consciencia que se não póde justificar. Nós desculpemos-lhe os epithetos com que nos pretende injuriar, porque sabemos que as ruins causas trazem d'esses desvarios!!!

A questão em que nos empenhamos é muito simples, e já está simplificada em o n.º 686 d'este jornal, a que s. s.ª deve responder litteralmente como tem, segundo diz, documentos. Justifique qual foi o motivo porque obrigou o pae do mancebo n.º 17 a pagar uma praça por 139$000 rs., existindo dois refractarios, que são os n.os 9 e 12, e vivendo dentro do concelho!!

Se os não póde prender, o que não cremos, porque não proceden segundo a lei contra o n.º 9, que sempre tem estado e está em casa de seus paes?! Se isto é justiça, sr. administrador, queira dizer-nos o que é injustiça, porque é obra de misericordia ensinar os ignorantes, e s. s.ª já nos classificou n'este numero! *Pater parce illi*...

Mais tarde voltaremos a este assumpto, e agora aguardamos a justificação do sr. administrador de Cambra, que já nos classificou de calumniador sem se justificar primeiramente, como lhe cumpria — *Risum teneatis amice*.

O sr. administrador de Cambra julgava que o justificar-se d'uma accusação era só vir á imprensa barafustar injurias e dizer que estava innocente, mas não é assim, queremos provas para cada uma das perguntas que lhe fizemos em o n.º 686 d'este jornal.

Já lá vae o tempo em que o *magister dixit* tinha valor!!

Aguardamos a resposta do sr. administrador de Cambra, e pedimos-lhe que seja um pouco mais commodido e delicado, quando não obriga-nos tambem a ultrapassar os limites da delicadeza.

Sou, sr. redactor, de v. etc.

Manuel Fernandes Nogueira.

(Segue-se o reconhecimento.)

Sr. redactor.

Arouca, 12 d'outubro de 1867.

Ao tempo que por toda a parte se apregôa o progresso, e a civilisação, n'esta malfadada villa de Arouca, só se sente o despotismo, a retrogradação, a anarchia, ao que dá motivo sem duvida alguma, á falta de policia, e á impunidade no crime. Leva-me a fallar d'esta maneira, as assuadas continuas, que, a altas horas da noite, se fazem a cidadãos pacificos, e as pasquinadas, que apparecem todos os dias, nas esquinas, insultando a torto, e a direito, sem que a isto, se tenha posto termo.

Este desenfreamento da vadiagem, convence a todos de que estamos em perfeito otentocio. Isto não se atura sr. administrador do concelho. E' necessario, que v. s.ª dê sérias providencias, para acabar com essa cohorte de anarchistas, que dizem ser capitaneada por um seu subalterno.

Se podermos descobrir, que o tal d'olhos, de côr duvidoza, é o Strig grasnante, que assim encommoda o publico, havemos de estender-lhe o latego sem dó, nem piedade.

Adopte pois providencias efficazes, que assegurem o socego publico, e garantam a liberdade individual, ameaçada por essa tenacidade selvagem de vadios que percorrem as ruas altas horas da noite, armados de pau de choupa, bem argolados, com o seu punhal, e muitas vezes, munidos d'arma de fogo, com manifesta quebra das disposições policiaes, e falta de respeito ás leis, que nem uma auctoridade, sem falsear o seu dever, póde consentir, e deixar de reprimir.

Em nome da sociedade, peço pois ao illustre administrador deste concelho, empregue toda a sua actividade, e boa vontade, por meio de uma policia secreta, para ver se consegue a descoberta de taes malandros que encommodam, e offendem a parte pensante dos seus administrados; e deprehendendo, por meio de investigação que o seu subalterno é a cabeça desta malta, promova a sua demissão, e o metta em processo. Comigo, os homens sensatos, esperam ver da auctoridade administrativa, e até mesmo da judicial o cumprimento do seu dever. Somos amigos do illm.º administrador do concelho, porque elle é distincto cavalheiro, e excellente pessoa, mas isto não deve impedir-nos de pedir-lhe providencias, porque acima de tudo está o bem da sociedade.

Aguardo pois o seu proceder, esperando e desejando ter mais do que o louvar, do que censurar.

Cabe tambem chamar aqui a attenção, do sympathico, e excellente cavalheiro, e presidente da camara, o sr. dr. Brito, sobre a falta de execução de posturas municipaes que se estão dando nesta villa.

E' necessario fazer remover da Praça, o entulho que ali ficou das obras da calçada, assim como fazer varrer ao menos uma vez em cada semana, as ruas que s. ex.ª mandou empedrar. Confiamos que o illustre presidente não tardará em providenciar.

Até breve. * * * *

Exterior

Uma correspondencia de Florença diz o seguinte:

«Seria uma extraordinaria illusão acreditar que a prisão de Garibaldi poz termo á questão romana. Este acontecimento demonstrou, pelo contrario, que esta questão devia ser resolvida, e que a convenção de 15 de setembro não era uma solução.

Este acto famoso creou uma posição equivoca e, por consequencia, cheia de perigos, como a experiencia acaba de mostrar. Não é melhor para o passado do que para a Italia, com quanto Roma hoje esteja ligada á convenção de 15 de setembro, depois de a ter anathematisado por espaço de trez annos. Póde dizer-se, com verdade, que aquella convenção inflinge ao passado o supplicio de Damocles, e á Italia o supplicio de Tantalo.

O partido moderado italiano comprehende, sem duvida, que o resultado final d'aquella convenção é a queda do poder temporal, e que, por consequencia, a Italia não tem mais do que esperar. E' o que dizem os jornaes, a *Nazione* e *Opinioni*. Mas não é só a razão que governa os povos; obedecem tambem á paixão, e Garibaldi manifesta a paixão nacional dos italianos; é n'isto que consiste o segredo do seu prestigio, depois de tantos erros e faltas.

Se os boatos que teem circulado são fundados, ha de dentro em pouco impôr-se uma solução radical á diplomacia.

Diz-se que na provincia de Viterbo rebentaram sérias desordens, e o proprio jornal de Roma confessa a presença d'alguns bandos ali. E' verdade que acrescenta que são perseguidos pelas tropas, e repellidos pela população. Mas esta phrase é, por assim dizer, do estylo em todo o jornal official, quando falla d'um movimento politico. E' necessario pois esperar os acontecimentos. O que é certo é que o sangue começou a correr.

Garibaldi continúa em Caprera, vigiado por quatro navios de marinha real. O *Diritto* dá a entender que elle vae juntar-se aos insurgentes. Mas parece difficil que escape á vigilancia que sobre elle se exerce.

Qualquer que seja o andamento dos successos de Viterbo, a consequencia inevitavel será excitar cada vez mais as paixões nacionaes, e tornar necessaria uma solução diversa da situação transitoria, creada pela convenção de setembro.

Segundo os jornaes do partido de acção, aos insurgentes juntaram-se alguns soldados pontificios. Ha já muito tempo que lhe disse que Garibaldi estava em relações com o exercito do papa, e que o santo padre não podia de modo algum contar com as suas tropas italianas.

A emissão das obrigações, annunciada ha muito tempo, devia ter logar no dia 21 d'este mez, será de 200 milhões effectivos; isto é, emittir-se-ha a somma necessaria para obter 200 milhões; emittir-se-hão, pois, provavelmente 250 milhões. E' possivel que o que se passa nos estados pontificios determine o ministro das finanças a um adiamento, a fim de que a subscripção não caia precisamente no meio d'uma crise politica.

As vendas dos bens ecclesiasticos começarão a 25 de outubro. Já se deram as ordens, e se affixam os avisos para a adjudicação dos immoveis.

Temos aqui dois congressos, mas menos turbulentos do que o de Genova. Em primeiro logar está o congresso de estatistica, composto de delegados dos diversos estados europeus, e de um certo numero de homens sabios; segue-se depois o congresso das camaras do commercio do reino. E' para lamentar que estas uteis e pacificas reuniões tenham logar n'uma occasião, em que a attenção publica está evidentemente distrahida.

P. S. Até agora o movimento da provincia de Viterbo não tem tomado um caracter serio. Os insurgentes apprehenderam o cofre em Acquapendente, e desarmaram os gendarmes. Os povos parecem indifferentes ao movimento. Não se oppõem a elle.

Os gendarmes de Acquapendente reclamaram o soccorro das tropas italianas; mas o governo não julgou poder intervir sem um pedido formal do papa, que até agora se não fez.

Os esforços do governo tendem a tranquillisar o movimento, que póde crear novos embaraços, mas que demonstra mais uma vez que a posição actual não é duradoura»

— O «Internacional» de Londres, diz que o movimento feniano se aproxima de Londres. Em Harzow os fenianos intentaram apoderar-se das armas e das munições do regimento n.º 18.

O jornal «Examiner» diz que o ministerio inglez reunirá o parlamento nos principios de novembro a fim de obter os precisos meios para a expedição d'Abyssinia. Parece que os gastos desta expedição ainda mesmo nas circumstancias as mais favoraveis subirão a muitos milhões de libras sterlinas.

Com referencia á noticia dos combates que houve nos estados pontificios, e que nos trnasmittiu um destes dias a Agencia Havas, vemos nos jornaes chegados hoje, que o combate foi em Bagnosea perto de Viterbo entre os garibaldinos e as tropas pontificias.

Uma carta de Bagnosea publicada pelo «Diritto» annuncia que as tropas pontificias perderam 21 prisioneiros e que os garibaldinos só tiveram 3 mortos e 2 feridos.

O mesmo periodico annuncia que uma numerosa partida de revoltosos firmada no territorio de Frosinone avançava victoriosamente para unir-se aos insurgentes da provincia de Viterbo. Esta partida havia derrotado uma forte columna de tropas pontificias mandada contra elle.

A «Refórma» assegura que rebenlou uma insurreição nas povoações confinantes com os Abruzzos, havendo um encontro em que os revoltosos ficaram victoriosos.

Noticias de Roma do dia 5 asseguram que uma columna de tropas pontificias batida em Bagnorea pelos insurgentes se havia trasladado para Montefiascone Além d'isso houve dois combates perto de Sabina e Valentano com bom exito para os insurgentes. Uma boa partida que entrou em Sabina foi dispersada perto de Morioues.

— Dizem os jornaes dos Estados Unidos que se fez um compromisso entre Juarez e Profirio Diaz, em virtude do qual este ultimo retirou a sua candidatura com a condição de ser nomeado presidente do conselho de ministros por Juarez, quando este seja eleito presidente da republica mexicana. Considera-se certa a eleição de Juarez; a de Escobedo não tem nenhuma probabilidade.

— No dia 2 do corrente chegaram os reis da Prussia a Friederichshafen, — com o fim de visitarem os reis do Wurtemberg. Estes receberam os seus augustos hospedes na estação do caminho de ferro, e os acompanharam ao palacio no meio do ruido das salvas de artilheria e de acclamações.

Depois de um lauto jantar seguiram SS. MM. a sua viagem para o palacio de Hohenzollern.

— Cartas de Munich dizem que a circular do sr. de Bismark de 7 de setembro ultimo, concebida na intenção de preencher uma lacuna importante no discurso do rei da Prussia na abertura do parlamento, não produziu na Allemanha do sul o effeito que esperava o gabinete de Berlim.

Noticiario

Cousas variadas. — No dia da inauguração do monumento a Camões, houveram almas piedosas, que mandaram rezar uma missa em Lisboa, por alma do Jau, aquelle servo que tão dedicado foi a Camões.

Não deixa de ser curiosa a lembrança. Se o pobre escravo jazia, o que duvidâmos, nas penas eternas, á espera da missa ha perto de tres seculos, estava já feito em torresmos, e pouco lhe aproveitou.

— Vae no n.º 410 o «Panorama». Este numero vem adornado de uma gravura e artigo do sr. Nogueira da Silva, sobre o retirada d'uns romeiros da festa do Senhor Jesus da Serra, e outra gravura e artigos.

— Apesar d'ainda se não haver apurado o numero das versões das diversas obras de Camões, são já conhecidas — 5 em hespanhol — 16 em francez — 8 em italiano — 10 em inglez — 9 em allemão — 2 em hollandez — 1 em polaco — 1 em bohemio — 2 em dinamarquez — 2 em sueco; — 1 em latim, (além d'outras que se não imprimiram,) 1 em hebraico. Total 60.

Edições portuguezas ha 84; sendo para notar que só durante a deminação de Castella se fizeram em Lisboa 24 edições do poema e rimas.

Luiz Vaz de Camões morreu em 1580.

— Esteve explendido, concorrido e animado o baile no paço de Belem, sendo dispensada a etiqueta.

A decoração dos improvisados salões e jardim fazia lembrar um alcáçar de fadas, uma das mais deslumbrantes maravilhas das «Mil e uma noites».

— O sr. Victor Bastos tem recebido de SS. MM. inequivocas provas de estima, e apreço.

Apraz-nos ver assim a realeza, reverenciar outra — a do genio! incitando e dando estimulo.

— Noticias do Mexico, de 20 de setembro ultimo, dizem que o corpo de Maximiliano ali tinha chegado, mas não tinha ainda sido entregue.

Especulação infame. — Raras vezes se tem ouvido contar uma historia mais revoltante, conta o «Times», do que a que hontem nos descrevia o nosso correspondente americano, relativamente aos tratos que soffreram os restos mortaes de Maximiliano. Foram depositados n'um quarto, onde, mediante alguns reales, se admittia toda a gente. O rosto do imperador estava exposto aos olhares, apenas resguardado por um pedaço de vidro, e a maior parte dos cabellos e da barba do infeliz monarcha, tinham-lh'os cortado e vendido aos amadores de curiosidades. O homem que embalsamou o imperador Maximiliano, mostrou, segundo parece, a troco de dinheiro, o cadaver d'esse desditoso principe, e vendeu por quantias fabulosas muitos fragmentos do seu vestuario e outros objectos que lhe tinham pertencido.

Diz-se tambem, posto que esperamos que isto seja desmentido, que o charlatão roubou um pequeno fragmento do craneo, que vendeu por bom preço, substituindo-o por um pedaço de madeira.

Cavalleiro de Tusão de Ouro. — Na terça feira da semana passada, ás trez horas da tarde, verificou-se em Madrid a ceremonia da entrega do collar da insigne ordem do Tosão de Ouro ao sr. Luiz Gonzalez Bravo, ministro do reino, que tinha escolhido para seu padrinho o general Narvaez, duque de Valencia.

O capitulo reunin-se na real camara que se achava adornada conforme os regulamentos e estatutos, assistindo os cavalleiros da ordem, sob a presidencia da rainha, chefe e soberana della, do rei e dos duque de Valencia, de Sena, e de Medinaceli, o marquez de Malpica, e como ministros da ordem D. Raphael Jabat, o rei de armas, D. Alejo Lopez Fraile, chanceller, e D. Ernesto Creus que fazia as vezes de thesoureiro.

O agraciado, depois de ter prestado juramento conforme com os estatutos, teve a honra de receber das mãos da rainha o colar, e logo em seguida tomou assento entre os cavalleiros da ordem.

Nomeação. — Foi nomeado escrivão de fazenda do segundo districto do Porto o sr. José Joaquim Gonçalves Basto, antigo redactor e proprietario do «Nacional», do Porto.

Licenças judiciaes. —Pelo respectivo ministerio foram concedidas licenças para estarem ausentes dos seus logares, sem prejuizo das audiencias geraes, aos seguintes magistrados:

Ao juiz de direito da comarca de Oliveira d'Azemeis, Luiz Guilherme Peres Furtado Galvão, vinte dias, como prorogação da licença anterior.

Ao delegado do procurador regio na comarca de Bragança, Eduardo José Coelho, trinta dias.

Ao delegado do procurador rgio nae comarca de S João da Pesqueira, Antonio Dias de Figueiredo Costa e Oliveira, vinte dias, como prorogação da licença que se lhe havia concedido anteriormente.

Ao delegado do procurador regio na comarca de Baião, Arthur Jorge Teixeira, trinta dias.

Ao delegado do procurador regio na comarca de Braga, Sebastião Carlos da Costa Brandão e Albuquerque, dez dias, como prorogação da licença anterior.

Representação. — Em nome da necessidade e utilidade publica, representâmos á camara a conveniencia da organisação da nomenclatura das ruas, e numeração dos predios.

Esta recommendação reproduzil-a-hemos até que sejamos attendidos.

Se o não formos, dirigimi-nos ao sr. administrador para que faça cumprir o que a lei marca.

Enfermidade. — Acha-se em perigo de vida a mãe do nosso amigo, o sr. Francisco Manoel Couceiro da Costa

Desejamos promptos alivios á illustre enferma.

O S. Thomaz. — Bem o dissemos nós. A capelinha das Agras vestiu galas, cantando-se de manhã missa, e de tarde além da ladainha prégou um lindo e apropriado sermão o novel e esperançoso orador, o sr. Viriato.

O arraial foi vistosa e immensamente concorrido, tocando ali a philarmonica — **Aveirense** —.

As devotas do Santinho não faltaram a animar a festa, e na eira se mostravam ellas tão fascinadoras, que era de temer as suas vistas faiscantes de lume.

Pelo bom resultado obtido do ensaio, é de esperar que a esquecida capelinha continue a ter visitadores, por que a belleza do sitio é azada para inspiração de sublimes pensamentos! e que não esfriem os disvelos do influente o sr. Custodio Cazimiro.

Festividade. — Como sempre a solemnidade de Nossa Senhora das Dores esteve lusida.

A missa foi bem executada, e o orador, o rd.º sr. Rodrigues mais uma vez mostrou o quanto póde o estudo e a dedicação, recitando uma oração, onde o assumpto e a linguagem se casavam perfeitamente, e lhe davam um tom harmonico e elevado.

De tarde tiveram logar as mais cerimonias, e outro sermão sendo orador o rd.º sr. Goes.

Assistiu a esta festividade a philarmonica — **Amisade** —.

Senhora da Boa Viagem. — No domingo ha tambem festa a Nossa da Boa Viagem, que se venera na capelinha do alto da rua de S. Bartholomeu, e é da mesma invocação, constando de missa e arraial.

A philarmonica — **Amisade** — tocará ali. Dizem-nos tambem ter fogo preso.

Esta Senhora não será menos feliz do que o S. Thomaz, pois tudo se dispõe para bem festejar a *despresada* Sautinha!

Partida. — Partiram no domingo para Madrid, os nossos amigos, os exm.os srs. viscondes de Almeidinha, para d'ahi irem visitar a exposição universal, e estar alguns dias em Londres.

Desejamos-lhes boa viagem.

Estatutos. — Foram approvados os estatutos da confraria da Senhora do Rozario, d'Ilhavo.

Escola industrial. — Abre-se esta noite a escola industrial, sendo 72 os alumnos matriculados.

Consta de 3 aulas. De *Portuguez*, regida pelo o sr. dr. João J. P. de Souza e Sá.

Dezenho, regida pelo sr. João da Maia Romão.

E *Geometria*, pelo sr. Elias Fernandes Pereira: todos professores do lyceu.

Fizeram-se 17 matriculas em portuguez, 37 em dezenho, e 18 em geometria.

O governo cedeu uma sala do lyceu para as aulas, e a camara occorre ás despezas de luzes e gratificações aos professores.

Archivo Rural. — Recebemos o n.º 7 deste excellente jornal, o qual corresponde ao mez corrente.

E que tal! — No caminho da estação está um enxame de vespas. Uns individuos, que no domingo, ali passavam, não descuidados iam, que lhe mexeram na tóca, resultando d'ahi a furia dos zunidores abilhões, que vieram a elles em chusma e os fizeram andar em *calças pardas* para se livrarem dos alados inimigos, sendo ainda alguns mordidos!

Vejam a que martyrios não estão sujeitos aquelles que o deus vendado fascina...

Terminou a safra. — Segundo o costume na semana passada foram maliciosamente alagadas as salinas.

Póde-se, pois, julgar terminada a safra do sal.

O seu preço regula por 7$500 réis o barco.

Tempo. — Com a mudança da lua soffreu alteração, apresentando-se a atmosphera densa e carregada.

O vento mudou de direcção, e já hontem choveu muito soffrivelmente.

Entrou comnosco o inverno, e não vem pouco carrancudo. De manhã sente-se frio, e para o sul da europa as cumiadas dos montes teem apparecido nevadas.

Feira da Ermida. — Fez-se hontem este concorrido mercado na Vista Alegre, affluindo, como é costume, muitos generos, aves, e gados, principalmente suino, sendo grande a extracção.

Os cevados estiveram baratissimos.

Deu-lhes para boa! — Aquelles transcendentaes e gafentos engenhos que tão admiravelmente se estreiaram em producções, pasmo de todo o orbe, e se desenvolveram na pratica do *sagrado* mister de assassinar com a penna as reputações, são attreitos a excessos de sentimento, que os tornam sem sabor e nimiamente ridiculos! Assim, os vemos, «Jeremias» das ostras!

Sempre as necessidades estomacaes a comprometterem aquellas *almas puras*. Malfadada condicção!

Estes farçolas de casaca e luva branca precisam, que os moluscos se reunam e lhes dediquem um monumento, já que são tantas as cascas sem vianda a alastrarem a *prateada* agua. Sobeja-lhe o material! *Zé Pinoia* e quejandos são dignos da immortalidade!!

Quem lhes tirou das unhas o compenedor lá irá para onde o pague.

Costa da Vagueira. — Os bons resultados obtidos pela companha que se estabeleceu no principio do verão na praia da Vagueira, incitaram outra a fazer ali a sua séde, e consta que ainda outras tencionam organisar se.

Isto, e a proximidade daquella praia das povoações do concelho de Vagos, fez com que este anno algumas pessoas para lá fossem tomar banhos, sendo destas o nosso amigo o sr. Duarte Justiniano da Roza Vidal, digno administrador do dito concelho, e sua familia, aproveitando se, por ora, dos palheiros das companhas.

O nosso amigo, o sr. João Ferreira da Cruz, e outros proprietarios daquellas immediações vão mandar ali construir palheiros, e com este poderoso elemento, é d'esperar que venha, em poucos annos, a tornar se uma grande costa, commoda, e concorrida

Tambem se projecta a edificação de uma capella, para o incruento sacrificio da missa, o que tudo prova a boa disposição dos animos a favor da ideia de se popular a nova costa.

Os salafrarios. — Esses comilões que ahi rodeiam o «homem das trapizondas» entenderam que era o momento azado para enterrarem as mãos, e trataram de uma lauta comesaina á mesa do minguado (para tão grandes barrigas, e tão esgasiadas fauces) orçamento municipal, talhando o «pae d'elles» fatia maior aos da locanda, e offerecendo talher aos de novo iniciados no transcendente meio de sugar o suor do povo, e vêr se assim mostrando grandeza, o governo se fiava nos ouropeis com que encobriam os andrajos, e os deixava livres das vistas prescrutoras e temidas do conselho de districto; porém, o diabo descobriu-lhes a capa com que se escondiam; e teve o *espertalhão* de «dar com as ventas n'um sedeiro», e reformar o orçamento, cortando os augmentos feitos nos ordenados, já escandalosamente elevados, e outros córtes, que o fazem de novo ficar preso pela gorja á inspecção daquelle insuspeito e circumspecto tribunal.

Boletim da praia. — Tambem chegou a animação á antiga, e fallada Costa Nova do Prado.

A concorrencia não póde ser maior, estando tudo que se pode allugar occupado.

Nota-se muita sem-cerimonia e reinação. Dança-se e diverte-se a gente muito.

A' hora do banho é curioso ir á bordo do mar.

Como as damas gentis, envoltas nos fartos roupões de flanella, encobrindo-nos traiçoeiramente os contornos d'aquellas estuas de jaspe, entram impavidas mar dentro, lançando-se languidas e descuidadas nos braços do *salso argento*, que as recebe carinhosamente!..

Ah! é bello.

Não é tambem menos bello, quando uma onda vem atrevida espreguiçar-se pela lisa areia, dando em terra com as formosas graças que n'ella se banham, e os olhos ávidos dos arcanos da belleza prescrutam a branca e delicada tibia, e *muchas otras cousas mas*...

E que dizer-vos, benevolos leitores, dos banhos *equestres*? Certamente hão de vv. s.as e vv. ex.as, amaveis leitoras, de dar voltas ao miolo para entenderem a phrase!

Tudo entretem aqui, tudo diverte, até a *chronica do mar*! Aquella pluralidade de praias nesta costa, e os preços da petinga e do carapau, que inspiraram o *guedelha* cá da terra, mostram o requinte da incipidez senão da tolice!

Audiencias geraes. — Começam no dia 17 no tribunal judicial desta cidade as audiencias geraes, presididas pelo meritissimo juiz, o ex.mo sr. Joaquim Maria de Miranda e Oliveira.

São poucas as causas, algumas de importancia, que teem ainda de ser julgadas pelo antigo jury.

Recurso. — Pelo conselho d'estado foi provido o recurso interposto por Maria de Jesus, viuva, por seu filho Manuel, do concelho e freguezia da Feira.

Publicação. — Vamos dar uma boa nova litteraria aos leitores. Desde o principio de janeiro em diante vae publicar-se um jornal litterario com o titulo de *Gazeta litteraria do Porto*. O seu redactor é o sr. Camillo Castello Branco. Basta este nome para fiador da excellencia do jornal, que não precisa d'outra recommendação.

Um de menos para a arte. — Falleceu o distincto artista Barbosa Lima, um dos melhores desenhadores do *Archivo Pittoresco* e mancebo das maiores esperanças.

Correio da Capital

(Do nosso correspondente)

Lisboa, 14 de outubro

A unica noticia politica que temos a mencionar, é que não ha noticias politicas. Depois do que largamente expuzemos em a nossa ultima correspondencia, as cousas conservam-se no mesmo estado, o que importa o mesmo que vaguearem n'um completo estado de incerteza.

A opposição, que pela maior parte não o sabe ser, aggride o ministerio pelos actos porque elle merece maior louvor. Deu lhe agora em chamar estrategia eleitoral ás visitas do sr. Corvo ás provincias. Isto não tem nome. Não prova senão uma coisa, stulticia. As visitas do sr. Corvo deviam ser aplaudidas como bons exemplos dados a futuros ministros, pois bom fôra que os preteritos assim tivessem procedido. As viagens são em pura utilidade do paiz, e não teem outro fim, e pouco é preciso para o demonstrar Quem não sabe que não é o ministerio das obras publicas que dirige os negocios politicos, e muito menos o sr. Corvo, que deixando esse cuidado aos seus collegas, só se entrega aos variadissimos assumptos que andam annexos áquella pasta? Quando os actos bons são assim apreciados, a opposição, longe de avançar na opinião do paiz, recúa.

Em Lisboa estão as hospedarias cheias de individuos das provincias que veem junto do ministerio do reino sollicitar a conservação d'este ou d'aquelle concelho, esta ou aquella annexação. Rara será a localidade que não tenha na capital um advogado zeloso. Em presença de tantas sollicitações ha quem diga que não obstante todo o empenho do sr. ministro do reino, ainda não será publicada no mez corrente a nova divisão administrativa, havendo até quem affirme que isto será motivo bastante para que as eleições municipaes se façam ainda pela lei antiga.

Não obstante o que levamos dito, ha pessoas que affirmam que sempre se conseguirá publicar a nova divisão no mez corrente, e que alguns amigos da situação andam trabalhando activamente para organisar uma lista para a municipalidade lisbonense, favoravel ao presente ministerio, pois se affiança que o governo mostra todo o desejo em vencer as eleições municipaes.

Não sabemos o que a oposição fará em Lisboa a similhante respeito; o que sabemos é que por emquanto não faz cousa alguma.

N'estes ultimos dias tem-se novamente insistido em desintelligencias ministeriaes, boato, em que não pomos fé alguma, e que já por mais d'uma vez temos dito o motivo porque o fazemos.

Agora, segundo os taes novelleiros, só sae o sr. ministro dos negocios estrangeiros, e ainda por causa da reforma d'aquella secretaria.

Pelas razões que acima expendemos, não achamos probabilidade a semelhante boato, e consta-nos que a alludida reforma vae ser publicada por estes dias, sem que o ministerio soffra abalo algum por similhante causa.

Um telegramma da India trouxe a noticia de ter sahido eleito deputado pelo circulo de Bardez o sr. Francisco Luiz Gomes, em vez do sr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, que era o actual representante d'aquelle circulo. Por esta eleição rehabilitou-se a India da gravissima injuria que a si propria fazia, deixando fóra do parlamento o distincto economista o sr. Francisco Luiz Gomes. São tambem muito dignas de se mencionar as palavras com que o sr. Teixeira de Vasconcellos approva a substituição que n'aquelle circulo fizeram do seu nome pelo sr. Gomes. Ha n'ellas muito desinteresse e abnegação, e são altamente honrosas para a pessoa que as traçou, que prova por este acto que prefere á sua gloria os interesses da patria do sr. Gomes.

Por Salsete saiu deputado, como já dissemos, o sr. Bernardo Francisco da Costa, e pelas ilhas o sr. Caetano Francisco Fereira Garcez, ambos deputados da opposição, e por Damão e Dio o sr. Vicente Scarnichia, candidato ministerial.

Parece que haverá um certo accordo entre os antigos concessionarios do caminho de ferro de sueste e o governo, para a conclusão das linhas e ramaes a que aquella empreza se obrigára.

Na linha do sul, entre o entroncamento para Evora e a Casa Branca, vae-se fazer um importante ramal, por conta particular. E' para serviço da mina de ferro pertencente ao sr. Street & C.a, e terá de extenção 15 kilometros, tendo os carris a mesma largura da linha em que veem entroncar, por isso que os wagons irão da linha principal á mina buscar o minerio.

Verificou-se no dia 12 do corrente a reunião da *Associação Protectora de Infancia Pobre* afim de se lêr o alvará, approvando os seus estatutos e distribuir os premios ás alumnas que mais se distinguiram no ultimo anno lectivo.

A's oito horas da noite achando-se presente um numeroso concurso de pessoas, entre as quaes algumas damas, que concorreram para dar mais brilho á solemnidade, occupou o sr. José Antonio Dias a cadeira da presidencia e leu o referido alvará.

Depois o sr. presidente fez um eloquente discurso em que historiou a marcha d'aquella associação, expondo com muita clareza os fins humanitarios a que ella attinge.

Em seguida procedeu-se á distribuição dos premios ás alumnas que os haviam conquistado pela sua dedicação e amor ao estudo, sendo convidada para desempenhar tão edificante acto a exma sr. D. Maria José da Silva Canuto ao que a sollicita protectora da infancia desvalida, gostosamente accedeu.

Finda esta ceremonia que impressionou agradavelmente todas as pessoas que se achavam presentes, usaram da palavra os srs. Vieira da Silva, Ribeiro Gonsalves e Antonio Joaquim de Oliveira.

Todos os oradores estiveram á altura do assumpto, sendo unanimes em demonstrar a necessidade de educar as classes pobres por um bem entendido systema de educação e instrucção, que nobilitando o homem e a mulher não o separem da lei do trabalho, unica que a civilisação póde sancionar.

E assim terminou esta festa modesta na apparencia, mas que todavia encerrava um pensamento muito elevado, por que symbolisava o triumpho das ideias civilisadoras que são o mote das aspirações do presente seculo.

Oxalá pois que prospere a Associação Protectora da Infancia Pobre, e que os esforços dos seus fundadores sejam coroados de feliz resultado.

Na quarta-feira passada effectuou-se nos jardins do palacio real de Belem a *soirée*, em que havia dias já se fallava.

A concorrencia foi pouco numerosa; devido talvez a terem sido algum tanto limitados os convites. Entretanto a festa esteve maravilhosa, e o conjuncto das variadas e lindas *toilettes*, bem como os formosos rostos d'algumas gentis damas, produziam um effeito deslumbrante e um brilho magnifico.

O pavilhão onde se dançou era em fórma de meia laranja, na parte do jardim a que chamam o viveiro.

Haviam dois corêtos — n'um estava a musica da camara, e n'outro a dos marinheiros.

Havia ainda quatro logares para El-Rei, para a rainha, para o sr. D. Fernando, e para o sr. infante D. Augusto. O tecto era formado com bandeiras e balões de côres. No centro havia um repucho, e de roda, junto ás grades dos viveiros, viam-se inumeros vasos de camelias.

Eram nove horas e meia da noite quando os regios esposos entraram no pavilhão, onde os esperavam os convidados.

El-Rei vestia a farda de official de marinha, e trazia a gran-cruz de S. Thiago.

A rainha trajava uma saia curta de glacé azul claro, com folho encanudado, e com trez lindas rendas formando avental. Coroavam-lhe o formoso collo trez ordens de brilhantes, suspensos n'uma larga fita de veludo preto, d'onde sahiam duas fitas mais estreitas, cujas extremidades chegavam até ao fim do vestido.

Depois de S. M., que foi incontestavelmente a rainha do baile, teve as honras da noite, a sr. D. Gabriella Linhares, sua dama, que trajava um lindo vestido curto de glacé azul, com folho encanudado da mesma fazenda, e uma segunda saia de tarlatana branca com infeites formados por fitas azues. Esta magnifica *toilette* e o elegante penteado que cercava a sua interessante fisionomia davam-lhe um encanto indescriptivel.

Depois de se ter dançado com frenetico enthusiasmo até á uma hora da noite, os convidados passaram para o jardim inferior, onde se achava o pavilhão armado para a ceia, que durou hora e meia, finda a qual se dançou um *cotillon em redondo*.

Esteve todo o ministerio, menos o sr. presidente do conselho, parte do corpo diplomatico, e varios cavalheiros da côrte, formando ao todo 128 pessoas pouco mais ou menos. Falla-se n'outro baile campestre, para o que S. M. mandou conservar tudo como estava. * * *

BARRA DE AVEIRO

EMBARCAÇÕES ENTRADAS EM 11 DE OUTUBRO DE 1867

CAMINHA. — Bateira «Nova Amizade», m. L. G. Villão; lastro.
Não sahiu embarcação alguma.

ENTRADAA EM 12

PORTO. — Hiate «Cruz 4.º», m. J. Rocha; vazio.
Não sahiu embarcação alguma.

ENTRADAS EM 13

PORTO. — Hiate «Gloria de Portugal», m. A. J. Serrão; vazio.
Não sahiu embarcação alguma.

Annuncios

Pelo cartorio do escrivão Nogueira, na execução que a fazenda nacional move a José Maria dos Santos Freire, desta cidade, se ha de arrematar no dia 27 do corrente mez uma casa terrea, sita na rua de Sá, que por bem conhecida se não confronta, avaliada em 38$400 rs. onde o mesmo executado trabalha como fogueteiro. (134)

Os possuidores d'inscripções de divida fundada com assentamento e coupons podem entregar na repartição de fazenda d'este districto até ao dia 1.º do proximo mez de novembro as relações dos titulos para a cobrança dos respectivos juros do presente semestre. Na mesma repartição se fornecem as relações impressas.

Aveiro, 14 d'outubro de 1867.

O delegado do thesouro

J. Pedroso d'Oliveira. (136)

Despedida

Manuel Fragozo, e sua mulher Rosa Clara, tendo de retirar-se desta cidade para ir residir na sua propriedade sita nas Quintans, e não lhe sendo possivel despedir-se propriamente das pessoas com quem tem tido relações — o faz por este meio, agradecendo cordealmente a todas os immensos obsequios que das mesmas tem recebido durante a sua estada nesta terra. (137)

José Reynaldo Rangel de Quadros Ordinot, legalmente habilitado para ensinar alguns preparatorios, faz publico que, na quinta-feira (17), todos os que com elle se quizerem lecionar, compareçam, por as 10 horas da manhã, na morada do annunciante, a fim de ahi se combinarem as horas de cada uma das aulas e cada um declarar a disciplina ou disciplinas que quer frequentar.

Os preços são os do costume.

CANDIEIROS

A GAZ-MILLE

QUE ARDEM SEM LIQUIDO

Vendem-se na loja de João J. dos S. Leite, na Praça do Commercio desta cidade. (138)

Paris Boulevart 125, Magenta. — Ph. Francais 4, 6 Rue Marbeuf. — 3 Londres chez JOZEAU 103 Fleet Street. — BREVETÉS DE PHARM. — **COPAHINE** MÉGE — G. JOZEAU, FARMACEUTICO — **125, boulevard Magenta, em PARIS.**

Este medicamento, que mereceu os elogios da Academia Imperial de Medicina de Paris, em 1840, a recommendação dos medicos especiaes de PARIS e de LONDRES, he desde mais de 26 annos, o tratamento o mais **facil e agradavel** de todas as molestias contagiosas. Os doentes tomão-o sem **repugnancia** e achão-se **segurados** contra toda volta da molestia.—A firma e a marca de Fabrica podem-só garantil-ó das imitações fraudulentas. Acha-se em todas as Pharmacias do Universo.

A 150 RS.

VENDE-SE stearina de 4, 5 e 6 vellas em cada pacote na loja de A. Pinheiro & C.a — rua dos Mercadores:

AGENCIA

DO

CLERO E PROFESSORADO

DE

FONSECA & SALLES

Rua dos Fanqueiros, 207, 2.º

Promove com a maior solicitude o andamento e resolução de todos os negocios dependentes da Santa Sé, Nunciatura Apostolica, das Camaras Ecclesiasticas, Secretaria de Estado, Tribunaes, Camaras Municipaes, Cartorios de todas as freguezias do reino, etc., a troco de uma remuneração modica, muito inferior á que costuma arbitrar-se para os outros estabelecimentos desta natureza.

O escriptorio está aberto desde as 9 horas da manhã até ás 3 da tarde.

E' representante desta agencia em Aveiro — **F. V. B de Magalhães.**

Responsave — M. A. L. DE MESQUITA.

Typ. do «**Districto de Aveiro.**